

# CANTILENAS

## Cantilenas – Semi recordações

Cantilenas – Semi recordações

# **CANTILENAS**

Semi recordações

Copyright © 2019 by João Antônio Machado

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil pela editora ATF Comunicação Empresarial e familiares de até quinto grau de João Antônio Machado. Todos os direitos reservados.

ATF Comunicação Empresarial  
E-mail: tccmachado@hotmail.com  
Brasília - DF - Brasil  
Telefone: +55 (61) 9 9983 9395

ISBN 9788544807361

**Autor:** João Antônio Machado  
**Título:** Cantilenas  
**Sub-título:** Semi recordações  
**Edição:** 4ª edição  
**Ano:** 2020

## Cantilenas – Semi recordações

## Cantilenas – Semi recordações

## Sumário

Apresentação	9
Uma vida – Uma história	12
Semi recordações	12
História do “Luiz Carreteiro”	20
História pitoresca da “China Velha”	21
História da Palmeira das Missões	22
Uma história da nossa avó materna	23
História romancista	24
Nova história relâmpago	26
Vovozinha	28
Contos do surrão de feijão e dos carneiros	28
História do carreteiro Ângelo Palmeiro	29
Notícias de minha operação em Cruz Alta	30
Recordação da nossa professora	32
História da minha “empresa de mandioca”	35
Notícias romancistas do passado	37
Notícias de 1926	38
Lembrança do tempo de menino	39
Recordações muito satisfatórias para mim	41
Recordações dos tempos antigos	41
Recordação do Ivan Couto	42
A história da nossa família	43
Recordações do que vi	45
Recordações do ano de 1900	46
Contos da escolinha do professor Abedón	47
Recordações da colega do Ijuí	48
O renascimento do velho	49
Um tiro no pessimismo	53
História da escola na Igrejinha dos Quevedos (vulgo “Papudos”)	56
Semi sonhos da Academia da Universidade Dos “Papudos”	62
Colaboração dos descendentes do Vô João	63
Árvore genealógica	71

## Cantilenas – Semi recordações



## Apresentação

### ***As Cantilenas do Vô João***

*Trata-se de um compilado de fatos da vida do querido Vô João Antônio Machado escrito por ele, em cadernos que o acompanhavam, em meados dos anos 70, enquanto convalescente das consequências do diabetes, que culminaram com anos de poucos movimentos físicos, uma vez que foi necessário amputar as duas pernas. Esse fato e a resignação do vô olhando a vida sem lamentos e com alegria, certamente, foi para todos nós, netos, à época crianças ou entrando na adolescência, uma das maiores inspirações familiares e uma lição para sempre sobre os valores verdadeiros.*

*Neste apanhado da própria vida, a partir de fatos que ia lembrando e anotando a lápis, de próprio punho, em cadernos, percebe-se a intenção muito clara de colaborar com aqueles que o sucederem, repassando ensinamentos que a existência lhe presenteou e, assim, adiantar-nos a viagem do crescimento e aproveitar melhor esta caminhada por aqui. É um presente dele para todos seus descendentes.*

*E ter desfrutado da convivência do Vô João foi um privilégio para todos os filhos, noras e netos sem dúvida alguma.*

*Passar para as gerações que nos sucederão um pouco de tudo o que ele representou, a partir de sua própria versão, é o que me impulsionou a buscar, na transcrição mimeografada da Neuza Barcellos Machado (nora) e no arquivo digitalizado,*

*posteriormente, pelo Paulo Domingos Lopes Machado (filho), um jeito de reavivar, com fotos pesquisadas, feitas e organizadas pela Léa Maria Lopes Machado (filha), esta nova versão das Cantilenas.*

*E que sirva de inspiração para quem os olhos descansar e se alegrar com as histórias que aqui encontrar, por lembrança ou por identificação, mesmo que não tenha convivido com o Vô João, porque quem puxa aos seus não degenera.*

*A republicação desses relatos, no Século 21, tem o propósito de levar para os descendentes de João Antônio Machado, e quem mais se interessar, o espírito e a forma de encarar a vida como um presente a ser aberto, aceito e agradecido a cada dia e, sempre, com alegria.*

*Esta quarta edição das Cantilenas também tem a pretensão de manter viva esta característica dos Machado que prezam o exemplo do Vô João: ninguém passa por um Machado e sai pior do que chegou! Tá combinado?*

*O Vô João fez sua contribuição por aqui, entre 31 de maio de 1895 e 20 de março de 1978.*

*Teresa Cristina Costa Machado  
Neta*

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



Estado do Rio Grande do Sul  
Município de Tupanciretã  
Serviços de Registros Civil das Pessoas Naturais

**CERTIDÃO DE NASCIMENTO**

CERTIFICO que, no livro A-2 à folha 208, sob número 563, verifiquei constar que:

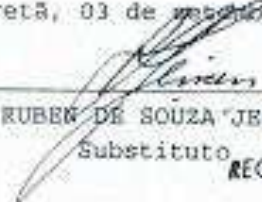
Aos vinte e oito (28) dias do mês de agosto de mil e novecentos e trinta e um (1931), nesta cidade de Tupanciretã, Estado do Rio Grande do Sul, neste Ofício, compareceu João Antonio Machado e declarou o nascimento de:

**JOÃO ANTONIO MACHADO**, do sexo masculino, nascido às quinze horas (15:00) do dia trinta (30) de maio de mil novecentos e noventa e seis (1896), em sua residência, no quarto distrito de Santo Angelo, RS. Sendo filho de João Antonio Machado, e de Delfina Rodrigues Machado, ambos naturais deste Estado, ele falecido, ela residente e domiciliada nesta cidade.

Sendo avó paterna: Ana Machado e, avó materna: Cristina Rodrigues de Quevedo e serviram de testemunhas as constantes do termo. Obs.: Consta à margem do registro anotação de casamento na cidade de Cruz Alta em 30 de setembro de 1931 com Francisca Araujo Lopes, conforme comunicação daquele Ofício.

O referido é verdade e dou fé.

Tupanciretã, 03 de setembro de 1999.

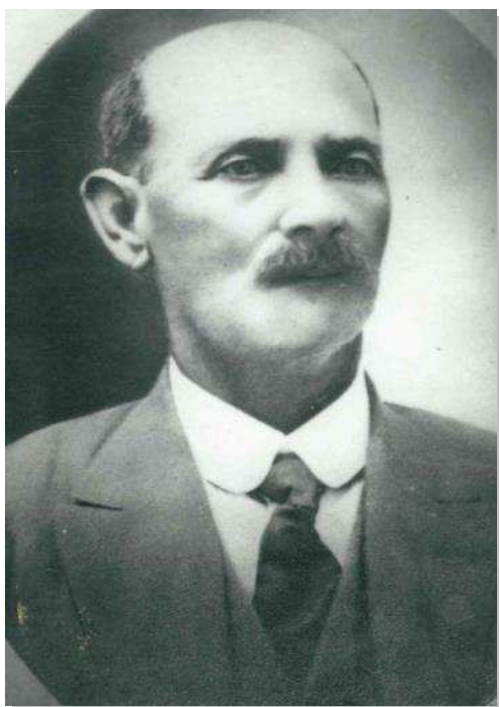
  
RUBEN DE SOUZA JENSEN  
Substituto

Emolumentos: R\$7,30

REGISTRO CIVIL DE PESSOAS JURÍDICAS  
TÍTULOS E DOCUMENTOS  
PROTESTOS DE TÍTULOS CAMBIAIS E  
REGISTROS CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS  
Margot Virgênia Lelys Araujo Souza  
Oficial  
Ruben de Souza Jensen  
Substituto  
TUPANCIRETÃ - Rio Grande do Sul

## Uma vida – Uma história:

Do casal João Antônio Machado (meu xará) e Delfina Rodrigues Machado, nossos queridos pais.



João Antonio Machado e Delfina Rodrigues Machado

## Semi recordações

Do Inhacapetum - 4º Distrito de Santo Ângelo, onde toda a família nasceu, quando nossos pais começaram a vida com um boteco, num ranchão de paredes de barro coberto de capim santa fé<sup>1</sup> bem comprido, mesmo que esperança de pobre.

---

<sup>1</sup> *Capim santa fé*: nome científico Panicum prionites, gramínea de grande porte, usada para cobertura de cabanas, galpões e quiosques.

Mais tarde, fizeram uma casa de material, baixa, pelo perigo das tormentas, quando já passou a chamar-se casa comercial. Negociaram por 35 anos.

Do casal nasceram 17 filhos, criando-se 14, sendo nove mulheres e cinco homens.

No ano de 1900, uma casa nova foi construída, bem grande, com muitas peças, onde os últimos filhos nasceram, isto é, de 1900 para cá.

No mesmo ano de 1900, foi feita a mudança do negócio da casa velha para a nova.

Quando eu tinha 5 anos de idade, estava mesmo que gato, recém abrindo os olhos, mas quando vi uma prateleira cheia de rapaduras, já me interessei em ajudar na mudança das rapaduras, também, o que era pedaço não escapava.

Dali em diante, cada ano que passava, mais eu abria os olhos. Parece que ainda estou vendo hoje, as braçadas de rapaduras que levava nos braços e bons pedaços à boca.

Como é bom, quando nós temos a ajuda de nosso Bom Deus que, mesmo já passados alguns bons janeiros, eu ainda posso recordar de viva memória, essas notícias tão belas e tão boas. Para mim, mais um dia de vida, representa mais um ano vivido.

Para os filhos que já nasceram depois de 1900 e não tiveram tempo de assistir aquele belo panorama da vida de nossos pais naquela região. Os dois mais velhos, que podem contar agora, são a Loló e eu (o Jango), porque ainda fiquei lá até os 15 anos de idade, quando nos mudamos pra capital de Tupanciretã, em 1910. Os

outros irmãos eram muito pequenos: Ondina, Amália, Celina, Ernestina e Octaviano.

O mais importante é que o pai e a mãe nunca quiseram botar empregado no balcão, ainda que para assinar o nome e escrever uma carta tivessem que se remangar e suar, mas tinham uma memória privilegiada.

O pai fazia quase todas as contas de cabeça, como se fosse hoje, uma máquina eletrônica, apresentando no papel a importância certa e com toda essa falta de cultura foi dos maiores negociantes daquela região. Tinha a casa comercial mais bem sortida, com mercadorias em geral, com varejo e atacado. Supria mais de 30 bolicheiros<sup>2</sup> naquela região. Eu, hoje, considero como se fosse uma graça Divina, a maneira fácil e habilidosa, como eles atendiam tudo, só o casal.

Tanto que a Sílvia, esposa do Octaviano, chamava a nossa mãe de “General em Chefe”. Daí, podermos tirar os pormenores do porquê tanto os filhos como os netos e bisnetos, também terem sido contemplados com essas memórias avançadas, que já vêm dos nossos antepassados.

---

<sup>2</sup> *Bolicheiro: no sul do Brasil, é como chama-se a pessoa que atende bar onde vende-se de tudo em especial uma boa cachaça no balcão.*



Texto do verso: Aniversário da mãe, Delfina Rodrigues Machado (centro). Salve 10 de agosto de 1947! Filhos, Chiquita (D), Léa, no meu colo, Ivo, ao lado, e Raul, em pé. A mancha é da tinta da caneta de pena, Léa aprendendo a escrever.

É o caso dos parrilheiros<sup>3</sup> de corrida que não são classificados só no pelo e nem pelas aparências, mas pelas boas correntes de sangue, só assim poderão ter fôlego e resistência para tiro longo.

Conforme já tinha me referido antes, sobre os meus 5 anos, quando estava recém abrindo os olhos, fui crescendo e tomando tenência<sup>4</sup>, como dizia o “Velho Ricardo, padrinho do Honório”, e ajudando em tudo, começando por fazer chimarrão no balcão. Não tenho

---

<sup>3</sup> *Parrilheiro de corrida: são cavalos que participam de competições com apostas. As corridas começam em 1689 na Inglaterra.*

<sup>4</sup> *Tomar tenência significa agir com cautela, ter juízo.*

conta das cuias que derrubei e quebraram. A gauchada charlando<sup>5</sup> no balcão dizia:

- Guri troca a chaleira pra nós que esta está fria!

E eu trazia uma quente, maiorzinha.

E eles diziam:

- Como é bonzinho esse guri!

E eu ficava tão alegre, mesmo que um cusquinho<sup>6</sup>, só faltava sacudir o toquinho.

Em 1907, o pai levou, eu e meu irmão Hortêncio, para o colégio, na grande capital de Tupanciretã, quando foi inaugurada a Charqueada<sup>7</sup> do Coronel Pedro Osório. Mas fomos de “culo” (palavra espanhola significa azar) no colégio. No segundo mês, o professor fugiu.

Fomos parar no Colégio dos Quevedos, vulgo “Papudos”, mais adiante vou contar as Histórias dos Papudos. É bem comprida.

Quando voltamos do colégio, digo eu que era colégio, o pai me perguntou:

- Guri, já sabes as quatro operações e fazer uma carta?

Eu respondi em voz grossa:

- Já.

E ele completou:

- Então levem o arado e a enxada, vão plantar as lavouras do Capivara, arroz, milho, feijão, moranga, batata doce, melancia, mandioca e cana doce. Porque se, depois, não precisarem fazer, ao menos sabem mandar. E assim, passamos aquela safra.

---

<sup>5</sup> *Charlar significa conversar por passatempo.*

<sup>6</sup> *Cusco significa cachorro pequeno, sem raça definida.*

<sup>7</sup> *Charqueada é o lugar onde o gado é abatido e se produz o charque.*



O pai gostava muito de dar ginásio era para as meninas, porque não sabiam se depois de casadas não iam precisar trabalhar. Tanto que só deixaram a Santíssima Trindade, em Cruz Alta e o Bom Conselho, em Porto Alegre, quando casaram.

Mais tarde, comecei na lida de campo e domando. O que mais eu gostava era domar. Era na época que a mula valia bom dinheiro, todos os fazendeiros tinham muitas manadas de éguas. Na mangueira que ficava longe da casa, eu começava a domar de madrugada. Como era bom aquele esporte, também era tombo pra burro, de todo tamanho.

Os negociantes naquela época ficavam a muitas léguas de distância um do doutro e tinham pouco sortimento.

Dado o movimento diário de freguesia ser enorme e, em tempo de eleições, era aquela cavalhada amarrada no parapeito, porque sabiam que o sortimento era completo e também em remédios. Representava tipo farmácia de hoje, com muitas boticas de homeopatia e específicos, já com os anuários informando como



Colégio Santíssima Trindade, hoje,  
Escola Gabriel Miranda

deviam ser aplicados, mesmo que as farmácias da Organização Rizzato, facilitando assim o tratamento dos doentes, e os que não pudessem esperar o dia certo, vinham na véspera. Quando era de manhã, ao sair do sol, quando o pai levantava, o galpão estava cheio de fregueses tomando chimarrão. Eles vinham de longe, todos já com os cavalos na soga<sup>8</sup>, alguns com cargueiros porque vinham fazer rancho<sup>9</sup>. O pai despachava aquela turma toda até o meio dia. Ninguém saía sem almoçar. A mesa, que já não era pequena, tinha que servir três ou quatro vezes. Contando parece mentira, mas a única pessoa da família que ainda pode confirmar é a Loló, mesmo sendo uma das mais velhas.

Mas o velhito não pregava prego sem estopa, do couro saíam as correias. Creio que era na época em que amarravam cachorro com linguça, embora seja ditado antigo, mais vale, “Deus ajuda que cedo madruga”.

O pai enxergava longe e com vantagem superior. Ele calculava rápido, haja vista que, naquela época, já usava o crediário de hoje. Para compras a crédito, de safra a safra, as mercadorias eram marcadas com dois preços, à vista e a crédito, mas ele não aumentava muito, cá pra nós, pois se a vaca valia, na época, 7\$700 réis<sup>10</sup> (sete mil e setecentos réis) cada uma.

Exemplo: uma fazenda (tecido) de 1\$100 réis (um mil e cem réis) ou 1\$200 réis (um mil e duzentos réis) o

---

<sup>8</sup> *Soga é uma corda grossa.*

<sup>9</sup> *Rancho é como o gaúcho chama a compra do mês, feita no supermercado atualmente.*

<sup>10</sup> *Réis é o plural de Real, moeda usada no Brasil desde o período colonial, substituída pelo Cruzeiro em 1942.*

metro à vista, sendo para debitar, ficava 1\$700 réis ou 1\$800 réis o metro.

Quando era entrada de verão, época de pagamentos, também recebia gado e animais cavalares, mulas e ovelhas. Foi quando eu assisti o primeiro negócio de compra de gado. Lembro que era 1903, quando já estavam na mangueira 10 reses de 2 anos para cima, vacas e bois e o freguês disse ao nosso pai:

- Quero pagar a conta, faça preço.

E foi comprado o lote de 10 cabeças, tudo por 77\$000 réis.

Quando nosso pai faleceu, deixou mais de cem quadras de sesmarias<sup>11</sup> de campos, tudo povoado com gados e animais cavalares, ovelhas e porcos. Tudo ganhado no batente, visto que nem o pai nem a mãe receberam herança. Graças a Deus o velhito não dormia nas palhas, se movimentava como coisa viva.

Sofremos um prejuízo grande, logo que chegamos a Tupã (Tupaciretã/RS), o pai vendeu uma tropa de 550 bois gordos, para um calaveira<sup>12</sup>, intitulado marchante<sup>13</sup> em Porto Alegre, mas quem marchou foi o velho. A condição de pagamento era dentro de 15 dias, mas o velhaco<sup>14</sup> desapareceu. O prejuízo foi total.

Mas mesmo com esse prejuízo, continuou sempre invernando<sup>15</sup> o mesmo número de bois, todos os anos.

---

<sup>11</sup> *Sesmarias era como chamavam-se as terras destinadas ao cultivo agrícola.*

<sup>12</sup> *Calaveira significa um espertalhão, tratante, que não paga as contas.*

<sup>13</sup> *Marchante aquele que compra e vende gado abatido para os açougues.*

<sup>14</sup> *Velhaco significa trapaceiro.*

<sup>15</sup> *Invernar é sinônimo de hibernar. Na estação fria, o gado é recolhido dos campos gelados para invernar.*

Tanto que quando faleceu, tinha vendido a tropa gorda de 500 bois, para a Charqueada do Coronel Marcial Terra<sup>16</sup> e ainda tinha para receber, na firma, a metade do dinheiro da tropa.

## **História do "Luiz Carreteiro"**

Confirmada por nosso pai, quando era rapaz novo, fazia valos para servir de cerca nos campos a 0\$100 réis (cem réis) a braça<sup>17</sup>.

Quando eu era empregado na casa comercial de Rafael Saadi, em 1910, o Luiz encontrou-se com o nosso pai e disse-me:

- O teu pai está rico e eu só tenho uma chacrinha e essa carreta<sup>18</sup>.

Eu, caçoando, disse:

- Talvez você trabalhasse menos

Então, foi quando o pai disse reconhecendo:

- Não! O Luiz era trabalhador, nós trabalhávamos parêlho o dia inteiro, de sol a sol.

---

<sup>16</sup> Marcial Gonçalves Terra nasceu em Tupanciretã (RS) em 1889 e faleceu em Rio Pardo em 1981. Grande proprietário de terras e pecuarista no Brasil, também foi chefe político, membro do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Participou ativamente da Revolução de 1930, comandando o movimento liberal da região da serra, no Rio Grande do Sul.

<sup>17</sup> Braça é uma medida antiga que vai de punho a punho de um adulto com braços abertos. No Brasil, equivale a 2,2m.

<sup>18</sup> Carreta é um reboque ou uma carroça.